

Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes

Antroponimic Taxonomy in Sign Languages – the Motivation in Name Signs

Mariângela Estelita Barros¹

Resumo: A “Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais” é uma proposta inédita no Brasil e, até onde conseguimos levantar dados bibliográficos, também no restante do mundo, para a categorização de sinais-nomes em línguas de sinais. Essa taxonomia foi criada inicialmente a partir do conhecimento da autora de uma variedade de sinais-nomes e ampliada posteriormente com base em sinais-nomes reais coletados especificamente para fins desta pesquisa. Baseamo-nos em trabalhos anteriores que elaboraram taxonomia toponímica em geral (DICK, 1980) e especificamente na Língua Brasileira de Sinais (SOUZA JÚNIOR, 2012) e em um estudo sobre sinais-nomes (SUPALLA, 1992). Uma taxonomia é um sistema classificatório que inclui a identificação, descrição, nomenclatura e enfim, a categorização dos elementos observados (BUGUEÑO, 2014). Assim, ao propor uma taxonomia antroponímica nas línguas de sinais, tivemos os objetivos de identificar os elementos constitutivos dos sinais-nomes, descrever cada um deles, nomeá-los e, por fim, agrupá-los em categorias.

Palavras-chave: Taxonomia; sinais-nomes; línguas de sinais.

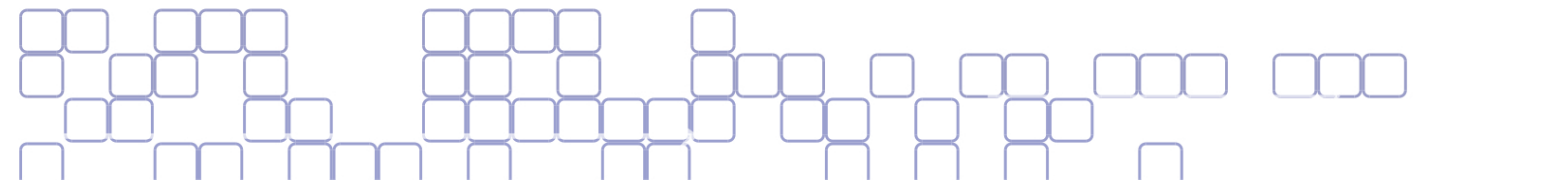
Abstract: The “Antroponimic Taxonomy in Sign Languages” is a pioneer proposal in Brazil, and from our bibliographic research, also in the rest of the world, for the categorization of name signs in sign languages. This taxonomy was initially created based on the author’s knowledge of a variety of name signs and was later expanded based on real name signs collected specifically for the purpose of this research. We founded this paper in previous works which elaborated toponimic taxonomy in general (DICK, 1980), and specifically in Brazilian Sign Language (SOUZA JÚNIOR, 2012) and in a study about name signs (SUPALLA, 1992). A taxonomy is a system of classification, that includes identification, description, nomenclature and finally categorization of the observed elements (BUGUEÑO, 2014). Thus, as we propose an antroponimic taxonomy in sign languages, we aimed at identifying the constituent elements in a name sign, describing each of them, naming them and finally grouping them into categories.

Keywords: Taxonomy; name signs; sign languages.

Introdução

Esse artigo apresenta uma proposta de taxonomia antroponímica nas línguas de sinais. Uma taxonomia é um sistema classificatório que inclui a identificação, descrição, nomenclatura e categorização dos elementos observados (BUGUEÑO, 2014). Já a antroponímia é o estudo dos nomes de pessoas, que juntamente com a toponímia, estudo dos nomes de lugares, compõe a onomástica, uma área da lexicologia (DUBOIS, 2001). Nessa pesquisa, analisamos os nomes de pessoas

¹ Mestre em Linguística pela UFG, Doutora em Linguística pela UFSC, pós-doutorado na University of Chicago. Criadora do sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais: ELiS. Atualmente é professora na Faculdade de Letras da UFG. (estelitabrasil@gmail.com)



usados em língua de sinais, ou sinais-nomes, com a finalidade de propor uma taxonomia.

Nomear é um ato linguístico-social básico que nos permite falar sobre as coisas do mundo, mesmo que estejam ausentes, ou que sejam intangíveis. Quando uma pessoa começa a interagir com uma comunidade surda, ou seja, quando ela passa a ter uma existência em meio a essa comunidade, quando ela se torna uma “coisa” desse mundo, surge a necessidade de referência sistemática à sua pessoa e ela então recebe um sinal-nome.

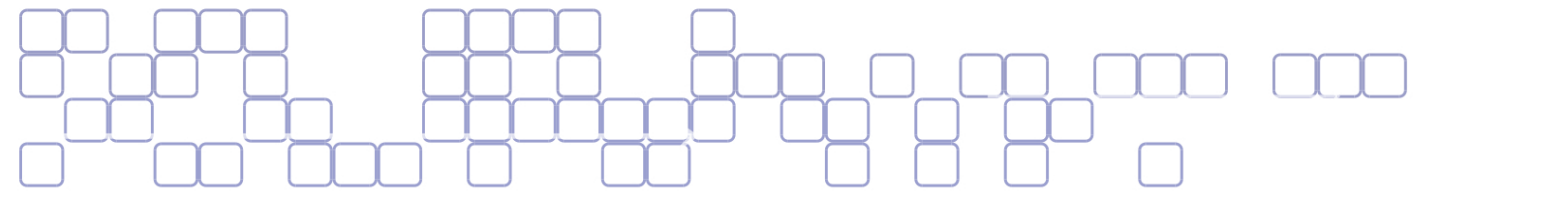
O sinal-nome, como o próprio termo já diz, é um sinal usado com valor de nome de uma pessoa pelos membros de uma comunidade surda. Corroborando com essa afirmação, Stokoe, Casterline e Croneberg (1965, p. 292, tradução nossa) afirmam que “os sinais-nomes se assemelham aos nomes próprios em inglês, pois assim como estes, referem-se a uma pessoa em particular, e não a um objeto ou conceito da experiência comum de todos que usam a língua”². Constatando que isso se dá não apenas em inglês, permitimo-nos estender essa afirmação para incluir nomes próprios de pessoas em outras línguas orais.

Além de serem atribuídos a membros da comunidade surda, os sinais-nomes também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada, como por exemplo, presidentes de países, atores, pessoas de destaque local, nacional ou internacional, e até mesmo personagens fictícios, como os de histórias em quadrinhos.

Mas como criar sinais-nomes? Quais formas são possíveis? O que é válido como sinal-nome? A regra mais básica é que qualquer sinal-nome é criado em concordância com as regras linguísticas da língua de sinais utilizada pela comunidade. Como as línguas de sinais estão normalmente em contato com línguas orais, suas regras linguísticas incluem regras de empréstimo, o que pode constituir um recurso para a formação de sinais-nomes.

No entanto, o empréstimo linguístico é apenas um dos tantos recursos para a criação de sinais-nomes, e de maneira alguma, constitui-se um recurso obrigatório. Os sinais-nomes não guardam, necessariamente, relação direta com o nome da

² Texto original: “Name signs are like English proper names, for both refer to a particular person instead of to an object or concept common to the experience of all who use the language”.



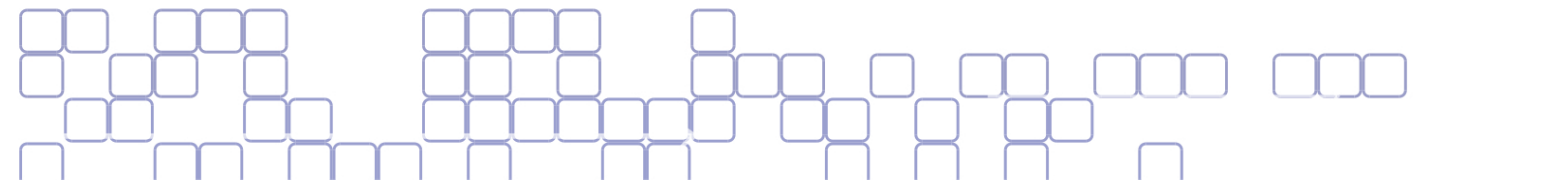
pessoa em língua oral. Assim, se um homem se chama “João” e recebe determinado sinal-nome, isso não significa que todas as pessoas que se chamam “João” terão o mesmo sinal-nome. Isso acontece porque a atribuição de um sinal-nome a determinada pessoa pode ser motivada também por algum aspecto de sua aparência física, um tipo de comportamento, um evento marcante, ou mesmo algum hábito frequente, que é particular a cada pessoa. Enfim, os sinais-nomes são formados a partir de uma estrutura própria das línguas de sinais, independente das línguas orais.

A presente pesquisa analisou os nomes de pessoas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), denominados de sinais-nomes, ou coloquialmente sinais, com o intuito de depreender sua estrutura morfossemântica constitutiva e criar daí, categorias e subcategorias capazes de abrigar grande parte das possibilidades de sinais-nomes. Nossa principal pergunta de pesquisa foi: o que serve como motivação para a criação dos sinais-nomes? No intuito de responder a essa pergunta, entrevistamos 113 pessoas, entre surdos e ouvintes, indagando quanto ao seu sinal-nome e qual havia sido a motivação para sua criação. As respostas a essas perguntas deram origem à taxonomia antroponímica nas línguas de sinais aqui apresentada.

Esse artigo apresenta uma breve revisão de literatura, seguida da descrição da metodologia utilizada em nossa pesquisa, da nossa proposta taxonômica, de discussão sobre os dados coletados e sobre a criação de sinais-nomes, encerrando-se com nossas considerações finais.

Revisão de literatura

Dois autores foram determinantes para a realização deste trabalho, Supalla (1992), como aporte teórico inicial, e Souza Júnior (2012), para a construção da metodologia de tratamento dos dados, o qual por sua vez, baseou-se em Dick (1980). Além destes, apoiamo-nos também em Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), que tratam brevemente da questão da inserção dos sinais-nomes no sistema da Língua de Sinais America, e Wild (2017), que amplia a visão linguística destes últimos sobre os sinais-nomes e traz uma visão mais atualizada sobre o processo de nomeação nessa língua.



O termo taxonomia foi usado pela primeira vez por Karl von Linné em 1735, em publicação sobre a categorização dos seres vivos. A Taxonomia de Lineu, como é hoje conhecida, é amplamente utilizada na área de ciências biológicas. Mais recentemente, outras áreas do conhecimento, como a pedagogia e a informática, têm desenvolvido taxonomias próprias para a classificação de seu objeto de estudo (AGANETTE; ALVARENGA; SOUZA, 2010).

As categorias criadas em uma taxonomia podem ser denominadas *táxon*, ou *taxe*, conforme utilizado por Dick (1980) e Souza Júnior (2012). A taxonomia de Lineu reconhece níveis intermediários entre as *taxes*, que são identificados pelos prefixos *super-*, *sub-*, ou *infra*, sendo que o *super-* é superior à *taxe*, o *sub-*, imediatamente inferior a ela e o *infra-*, inferior ao *sub-*. A hierarquização das *taxes* é característica essencial em uma taxonomia, pois demonstra a filiação de um elemento em relação a outro.

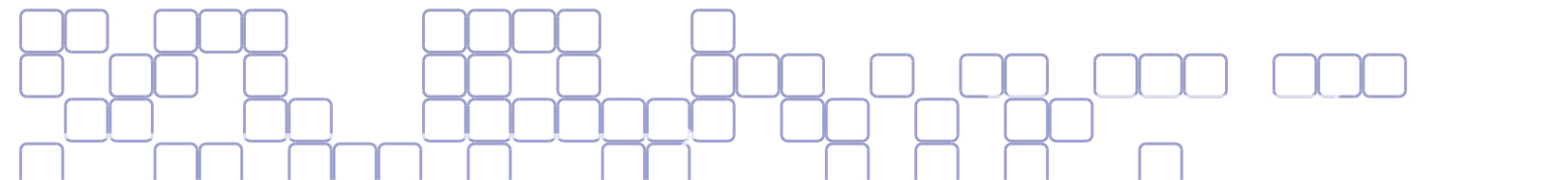
Maria Vincentina de P. do A. Dick criou, em 1980, em sua tese de doutorado intitulada “A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos”, uma taxonomia para a análise de dados toponímicos em línguas orais, a qual vem sendo revista e ampliada pela própria autora e por demais pesquisadores. No ano de 2012, o linguista brasileiro José Ednilson G. Souza Júnior, em sua dissertação intitulada “Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais”, revisitou o trabalho de Dick (1980) e adaptou sua taxonomia para a análise de dados toponímicos em Libras.

Dick propõe uma taxonomia toponímica composta por 27 *taxes*, que são as categorias sob as quais se agrupam os elementos identificados. Segundo a autora (DICK, 2007, p. 142), essas *taxes* são “indicativos ou marcadores semântico-terminológicos”, usados para “transmitir os vínculos causais que justificam a criação dos nomes de lugares”.

Em sua pesquisa, Souza Júnior (2012) utiliza a taxonomia desenvolvida por Dick (1980) para a descrição e classificação de seus dados e propõe o acréscimo de uma *taxe* às 27 já propostas por Dick (1980), a *taxe Grafotopônimo*. Essa *taxe* se refere aos “elementos de topônimos motivados pela grafia do nome original do lugar, ou acidente geográfico” (Souza Júnior, 2012, p. 60). Além disso, ele cria sua própria “Ficha Lexicográfico-Toponímica”, a qual inclui campos específicos para dados em Libras. Um desses campos é o “*Topônimo em LSB*”, no qual se registra o sinal do

RE-UNIR, v. 5, nº 2, p. 40-62, 2018. ISSN – 2594-4916





acidente geográfico em Libras em duas modalidades: escrita, por meio da ELiS (Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais)³, e sinalizada, por meio de frames de vídeo do sinal.

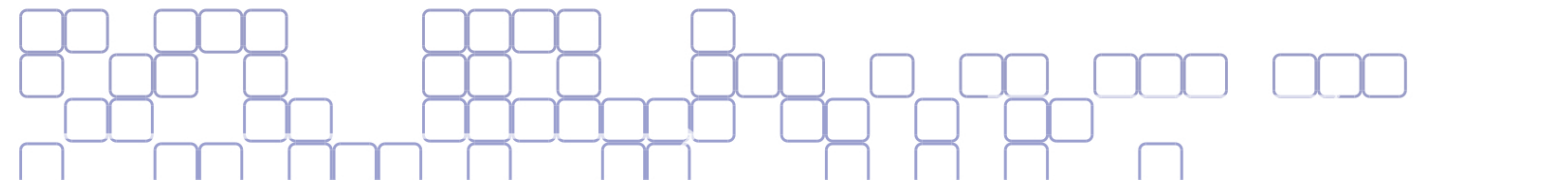
Em face a essa pesquisa que analisou a morfossemântica dos sinais toponímicos em uma perspectiva taxonômica, e assim inaugurou a taxonomia toponímica na Libras, vislumbramos a possibilidade de uma taxonomia antroponímica nessa língua, uma vez que os sinais-nomes são criados de maneira sistematizada e seguem padrões de regularidade observáveis, passíveis de identificação e classificação.

Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) reconheceram os sinais-nomes como um subsistema da Língua de Sinais Americana, doravante ASL. Eles constataram que, fonologicamente, esse grupo de sinais pode se comportar de maneira diferente dos demais sinais dessa língua, pois pontos de articulação que não são distintivos na ASL podem o ser nesse subsistema. Além disso, reconheceram também que a proporção de sinais que utilizam configurações de mão que representam letras do alfabeto é desigual no subsistema de sinais-nomes e no restante da ASL. Segundo os autores, “enquanto sinais inicializados correspondem a apenas uma pequena porção dos sinais da ASL, a grande maioria dos sinais-nomes usa como *dez* [configuração de mão] uma letra do alfabeto que seja a inicial do primeiro ou último nome da pessoa”⁴ (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965, p. 292, tradução nossa). Essa afirmação é precursora do que mais tarde será observado por Supalla (1992) quanto aos elementos da categoria por ele denominada de *sinais-nomes arbitrários*, explicada a seguir.

No ano de 1992, o estadunidense Samuel James Supalla publicou *The book of namesigns: naming in American Sign Language*, que é um estudo sobre os sinais-nomes na ASL, com base em suas experiências pessoais como um surdo que criou inúmeros sinais-nomes em sua comunidade e como linguista estudioso da ASL. Nessa obra, que não pretendeu ser uma proposta taxonômica, os sinais-nomes foram agrupados em duas categorias: *sinais-nomes arbitrários*, cujas configurações de mão são exclusivamente letras do alfabeto manual e não são relacionados a

³ Sobre a ELiS, ver Barros (2015) e Barros (2016).

⁴ Texto original: “While initial-dez signs are only a small fraction of ASL signs, the great majority of name signs use as dez the initial letter of a person’s first or last name”.



qualquer outro aspecto da pessoa que o recebe; e *sinais-nomes descritivos*, os quais remetem a características físicas da pessoa que o recebe (SUPALLA, 1992).

Dois tipos de nomeação de pessoas em língua de sinais não são reconhecidos por Supalla (1992) como sinais-nomes válidos, são eles: a soletração manual completa do nome da pessoa em língua oral, o que normalmente só acontece quando o nome da pessoa é muito curto (duas ou três letras), e a tradução do nome da pessoa da língua oral para a ASL.

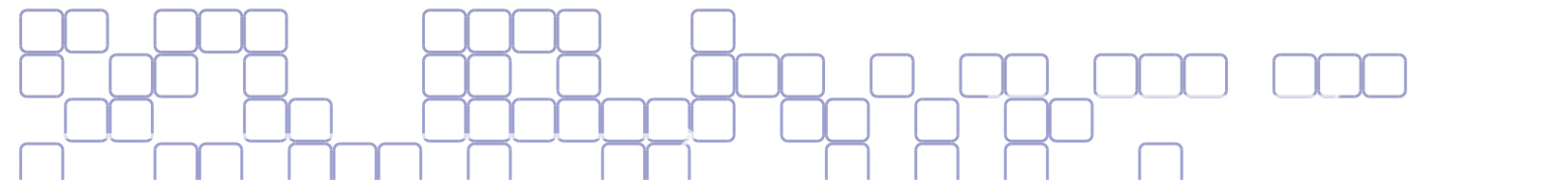
O autor aborda ainda vários aspectos culturais relevantes em relação aos sinais-nomes, que, no entanto, não cabem no escopo dessa pesquisa. Mesmo assim, há um, dentre eles, que marca grande diferença cultural entre o processo de nomeação em ASL e em Libras e que gostaríamos de mencionar: a estrutura preferida.

Supalla (1992) afirma que há, na comunidade surda dos Estados Unidos, uma preferência pelos sinais-nomes que ele denomina arbitrários e que estes provavelmente tenham chegado àquele país no início do século XIX, por meio dos professores Clerc e Gallaudet, pois “ambos estavam envolvidos no então denominado planejamento linguístico em relação ao papel da sinalização, e estavam promovendo a versão em inglês dos Sinais Metódicos de l'Épée”⁵ (SUPALLA, 1992, p. 32, tradução nossa).

Na comunidade surda brasileira – e certamente em outras, como a sueca (SUPALLA, 1992) –, a preferência é pelos sinais-nomes descritivos. Mesmo assim, em muitos sinais-nomes na Libras, a configuração de mão representa a letra inicial do nome da pessoa em língua oral, e apenas o ponto de articulação e/ou o movimento descrevem alguma característica da pessoa, ou seja, há uma mistura das duas categorias reconhecidas por Supalla (1992).

Mais recentemente, Wild (2017) desenvolve sua pesquisa sobre restrições fonológicas para a composição dos sinais-nomes, na linha iniciada por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), porém, o que queremos mencionar aqui é uma breve observação que a autora faz sobre os sinais-nomes descritivos. Wild (2017) afirma que os sinais-nomes descritivos estão ficando cada vez mais populares na comunidade surda dos Estados Unidos e que diferentes elementos têm sido usados

⁵ Texto original: “[...] they both were involved in so-called Language planning regarding the role of signing, and they were promoting the English version of Épée's Methodical Sign”.



para compô-los. A autora explica que “os sinais-nomes descritivos fazem referência a algum traço proeminente, seja ele físico, como uma cicatriz ou um bigode, seja relacionado à personalidade do indivíduo, sua ocupação, ou alguma outra característica, como por exemplo, sinais-nomes baseados nos números dos escaninhos em escolas do tipo internato” (WILD, 2017, p.7, tradução nossa)⁶.

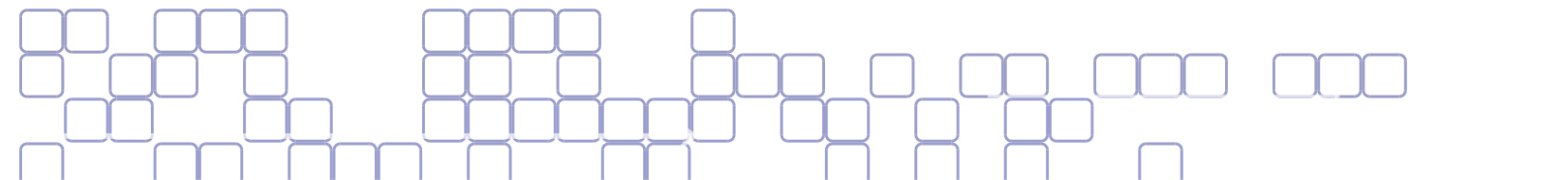
Esses elementos que a autora menciona se alinham com a taxonomia antroponímica que desenvolvemos a partir de nossa coleta de dados em 2012 e que ora apresentamos. Em nossa taxonomia, os traços físicos são abrigados na taxa “Aspectos Físicos”, os de personalidade, na taxa “Aspecto Comportamental”, e a ocupação profissional e eventos sociais estão na taxa “Aspecto social”. Criamos ainda a taxa “Empréstimo de Língua Oral”, a qual abriga os sinais-nomes arbitrários, segundo categorização de Supalla (1992), dentre outros. Tais taxas serão explicadas em detalhes mais adiante, no item “Proposta Taxonômica”.

Metodologia

A presente investigação contou com 113 participantes, envolvendo surdos e ouvintes, os quais foram entrevistados pela pesquisadora em Libras ou em português, de acordo com a preferência do participante. A cada um, foram feitas três perguntas: *a) qual é o seu nome?*, *b) qual é o seu sinal?*, *c) por que seu sinal é assim?* Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, que é ouvinte e fluente em Libras, e registradas em filmadora JVC Everio GZ-EX250BU. Cada entrevista teve a duração de aproximadamente 30 segundos.

Coleta de dados: Os dados foram coletados entre alunos, professores e intérpretes do curso de Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás (UFG), no dia 27 de novembro de 2012 e entre alunos, professores e funcionários do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa com Surdez (CAS-GO) em 13 de dezembro de 2012, ambos na cidade de Goiânia. Houve um encontro com cada grupo de participantes antes da data da coleta, a fim de explicar os objetivos da pesquisa, sua relevância, o que se esperava dos participantes e

⁶ Texto original: “Descriptive name signs reference some stand-out trait, whether physical, such as a scar or a mustache; related to the individual's personality; occupation; or some other feature-for example, name signs based on locker numbers are common at some residential schools”.



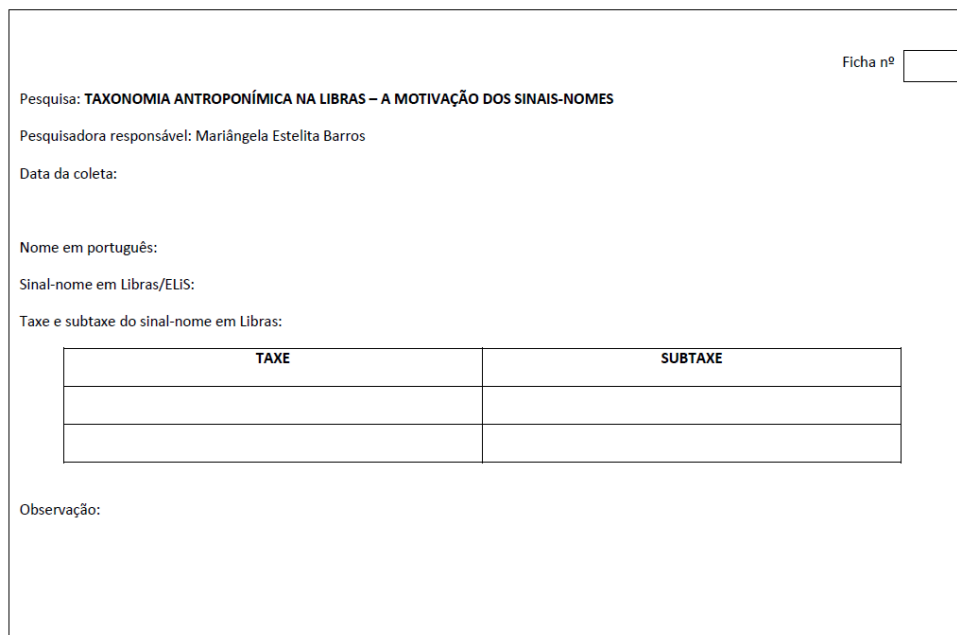
finalmente fazer o convite à colaboração. Na UFG, tivemos 77 participantes, e no CAS-GO, 36, perfazendo um total de 113 contribuições.

Tratamento dos dados: após a coleta dos dados, os registros foram salvos digitalmente em HD e DVD, sendo que foi criado um arquivo para cada entrevista. Além das filmagens, os dados também foram registrados em *Ficha Catalográfica Antroponímica* especialmente desenvolvida para essa pesquisa, a partir do modelo da “Ficha Lexicográfico-Toponímica” de Souza Júnior (2012).

Os campos da Ficha Catalográfica e seus respectivos usos são:

Ficha nº: numeração das fichas; *Pesquisa:* título da pesquisa; *Pesquisadora responsável:* nome completo da pesquisadora responsável; *Data da coleta:* data em que foi realizada a coleta do sinal-nome; *Nome em português:* anotação do nome em português que tenha motivado o sinal-nome; *Sinal-nome em Libras/ELiS:* registro escrito do sinal-nome do participante usando o Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais, ELiS; *Taxe e subtaxe do sinal-nome em Libras:* registro da análise taxonômica de cada sinal-nome, indicando a taxe e a subtaxe a que pertence; *Observações:* registro de informações extras dadas espontaneamente pelos participantes e de percepções da pesquisadora.

A Ficha Catalográfica Antroponímica tem o seguinte formato:



Ficha nº

Pesquisa: **TAXONOMIA ANTROPONÍMICA NA LIBRAS – A MOTIVAÇÃO DOS SINAIS-NOMES**

Pesquisadora responsável: Mariângela Estelita Barros

Data da coleta:

Nome em português:

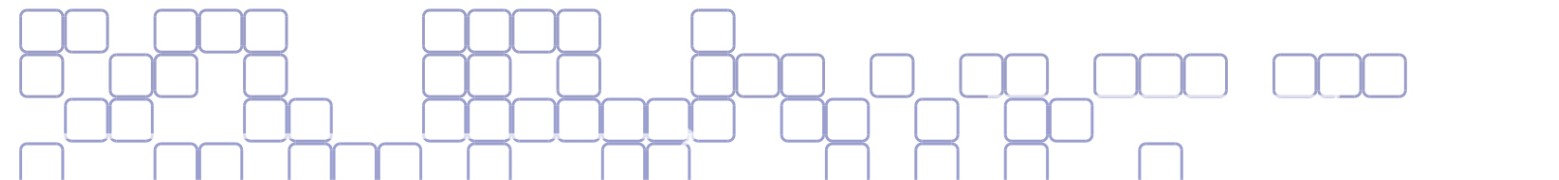
Sinal-nome em Libras/ELiS:

Taxe e subtaxe do sinal-nome em Libras:

TAXE	SUBTAXE

Observação:

Figura 1: Modelo da Ficha Catalográfica Antroponímica.



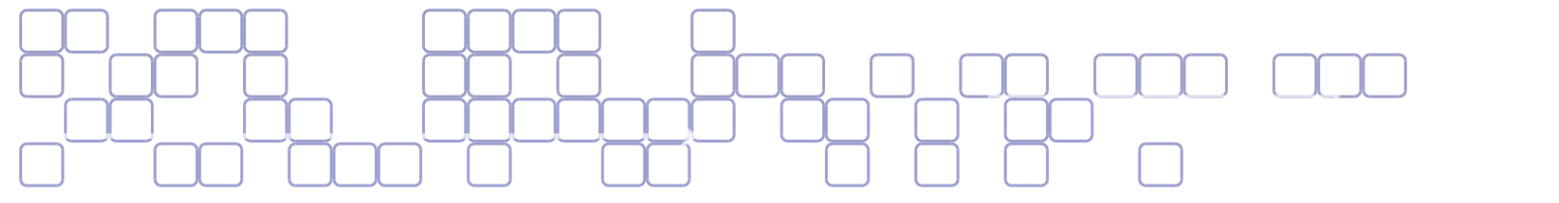
Cada ficha foi numerada de acordo com a ordem em que os participantes fizeram suas colaborações. No campo “nome em português”, foi escrito o primeiro nome da pessoa. Apenas em casos excepcionais em que o sobrenome motivou a formação do sinal-nome, este também foi incluído. Ressaltamos que as fichas são mantidas em sigilo, com acesso somente por parte da pesquisadora, a fim de preservar a identidade dos participantes.

No campo “sinal-nome em Libras/ELiS”, foi feito o registro escrito do sinal-nome do participante usando a ELiS. A intenção de usar esse sistema para o registro de dados em língua de sinais, é que estes possam ser apreciados mesmo sem o acesso aos vídeos. Em uma explicação brevíssima, podemos dizer que a ELiS é um sistema de escrita das línguas de sinais, cujos símbolos, denominados visografemas, representam elementos linguísticos visuais dessas línguas. A ELiS foi criada em 1998, foi testada e se encontra em fase de divulgação desde 2008, e de uso efetivo desde 2010 (BARROS, 2015).

O campo “taxe e subtaxe do sinal-nome em Libras” foi usado para o registro da análise taxonômica de cada sinal-nome, de acordo com a taxonomia aqui proposta, indicando a taxe e a subtaxe a que pertence.

O campo “observação” foi destinado ao registro de informações extras dadas espontaneamente pelos participantes e para a anotação de observações da pesquisadora. Algumas informações extras dadas pelos participantes foram sobre a pessoa que lhe deu seu sinal-nome e sobre motivos de troca de sinal-nome, informações essas não aproveitadas para fins dessa pesquisa, mas que podem apontar para aspectos culturais importantes sobre a nomeação de pessoas em Libras. Outro uso recorrente deste campo foi para a explicação da motivação do sinal-nome pela pesquisadora, quando esta era visualmente acessível, mas não era comentada pelo participante, como no caso de o sinal-nome ter uma configuração de mão representativa da primeira letra do nome da pessoa e esse fato não ter sido mencionado como motivação para a criação do seu sinal-nome.

Os procedimentos metodológicos aqui descritos e que foram adotados para a coleta e tratamento dos dados foram criados especificamente para fins dessa pesquisa taxonômica sobre sinais-nomes na Libras e a partir de então, encontram-se disponíveis para utilização em demais pesquisas nessa nova área dentro do campo de estudos das línguas de sinais.



Proposta taxonômica

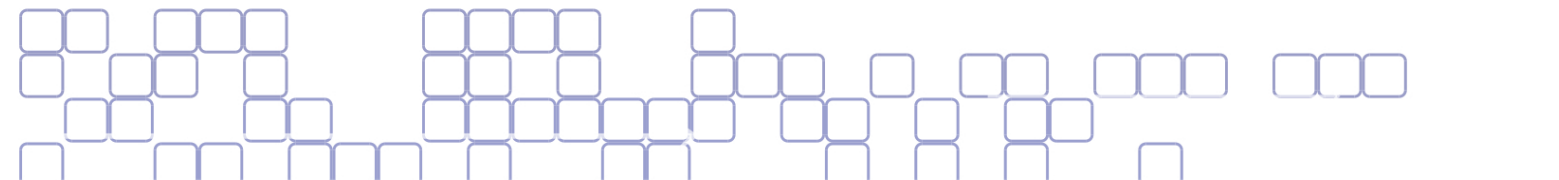
A “Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais” aqui apresentada e descrita é uma proposta inédita no Brasil e, até onde conseguimos levantar dados bibliográficos, também no restante do mundo. O estudo de Supalla (1992) que citamos anteriormente é uma classificação tipológica, e não taxonômica, pois uma classificação taxonômica deve apresentar organização hierárquica, por meio da qual as taxes são dispostas em termos de filiação e suas características podem ser melhor e mais rapidamente identificadas (BUGUEÑO, 2014). Os demais autores mencionados, Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) e Wild (2017) não tratam da categorização dos sinais-nomes, mas de sua análise do ponto de vista fonológico.

Até então, a taxonomia que estamos propondo foi verificada apenas na Libras, porém, a partir de dados esporádicos de sinais-nomes em outras línguas de sinais, de conhecimento pessoal desta autora, podemos levantar a hipótese de que esse modelo taxonômico se aplica também a elas, podendo haver a necessidade de ser ampliado quando for utilizado para a análise de sinais-nomes de outras línguas de sinais.

Baseando-nos em nosso conhecimento pessoal de sinais-nomes na Libras, antecipamo-nos na criação de algumas taxes e subtaxes passíveis de serem encontradas nas entrevistas que realizaríamos. Logo então, fomos a campo a fim de coletar sinais-nomes entre surdos e ouvintes. No momento da análise dos dados, mantivêmo-nos abertos à possibilidade de ampliar essa expectativa inicial, como realmente ocorreu.

Nem todas as subtaxes que foram antecipadas foram encontradas nos dados coletados para essa pesquisa em particular. No entanto, permitimo-nos incluí-las nessa taxonomia, pois sabemos de sua existência, uma vez que foram antecipadas justamente pelo conhecimento de sinais-nomes que as utilizam. Apenas ocorreu de não contarem entre os participantes, pessoas cujos sinais-nomes pudessem ser descritos por todas as subtaxes propostas.

Para propormos essa taxonomia antroponímica das línguas de sinais, foi preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais-nomes, descrever cada um



deles, nomeá-los e, por fim, categorizá-los em taxes e subtaxes criadas para este campo de conhecimento.

Em nossa proposta taxonômica, estabelecemos quatro taxes para a classificação dos sinais-nomes: *Empréstimo de Língua Oral (ELO)*, *Aspecto Físico (AF)*, *Aspecto Comportamental (AC)* e *Aspecto Social (AS)*. Cada taxe comporta diversas subtaxes que serão explicadas posteriormente.

A taxe *ELO* é semelhante à categoria apresentada por Supalla (1992) como “sinais-nomes arbitrários”. Entendemos que em sua categoria *sinais-nomes arbitrários*, Supalla (1992) utiliza o termo “arbitrário” em oposição a “descritivo”, presente no nome de sua outra categoria, *sinais-nomes descritivos*. Assim, “arbitrário”, em sua categorização, adquire o significado de “não-descritivo”. Após Saussure, no entanto, o termo “arbitrário”, em linguística, opõe-se a “motivado”, o que o torna inadequado para qualificar sinais-nomes, uma vez que são todos motivados. O que Supalla (1992) denomina “sinais-nomes arbitrários” são, na verdade, sinais-nomes motivados (ainda que seja a motivação única e exclusiva) pelo nome da pessoa em língua oral.

O novo nome, *Empréstimo de Língua Oral (ELO)*, além de evitar essa ambiguidade terminológica, abrange os sinais-nomes não reconhecidos como válidos pela comunidade surda estadunidense, segundo Supalla (1992). Esse é o caso de nomes da língua oral soletrados manualmente em sua totalidade e de nomes traduzidos da língua oral para a língua de sinais. Estas se constituem possibilidades de formação de sinais-nomes para a comunidade surda brasileira e o são também para comunidades surdas de outros países (Wild, 2017).

As três outras taxes, *Aspecto Físico (AF)*, *Aspecto Comportamental (AC)* e *Aspecto Social (AS)*, reagrupam todos os demais sinais-nomes qualificados por Supalla (1992) indistintamente como “sinais-nomes descritivos”, categorizando-os em termos de tipos de descrição: se de aspecto físico (AF), comportamental (AC) ou social (AS).

O quadro 1, a seguir, mostra as taxes e as subtaxes hierarquicamente dispostas, conforme as propomos, e é seguido de explicação e exemplificação de cada taxe e subtaxe. É importante fazer notar que os sinais-nomes usados na exemplificação de cada taxe foram criados à semelhança de sinais-nomes reais encontrados em nossa pesquisa (ver o item “A criação de sinais-nomes em Libras”, **RE-UNIR**, v. 5, n° 2, p. 40-62, 2018.

ISSN – 2594-4916

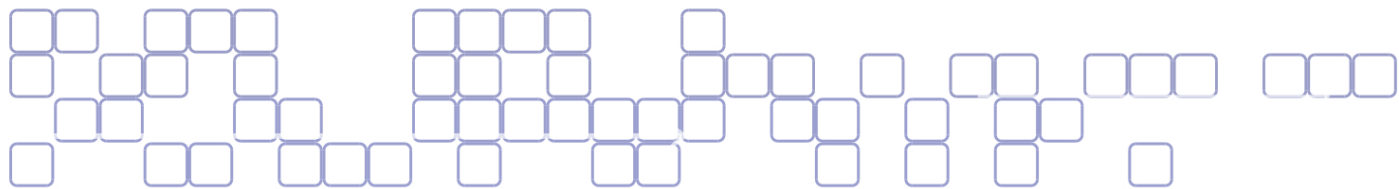


a seguir). A escolha por utilizar sinais-nomes fictícios foi para preservar, na medida do possível, a identidade dos participantes em uma pesquisa que lida com seus nomes.

Quadro 1 – Taxonomia Antroponímica na Libras.

TAXONOMIA ANTROPONÍMICA NA LIBRAS	
1. Empréstimo de Língua Oral (ELO)	
1.1.	Inicialização
1.2.	Uma letra
1.3.	Mais de uma letra
1.4.	Soletração
1.5.	Tradução
2. Aspecto Físico (AF)	
2.1.	Formato do cabelo
2.2.	Comprimento do cabelo
2.3.	Cor do cabelo
2.4.	Formato da testa
2.5.	Formato da sobrancelha
2.6.	Formato dos cílios
2.7.	Formato dos olhos
2.8.	Cor dos olhos
2.9.	Formato do nariz
2.10.	Formato das bochechas
2.11.	Formato da boca
2.12.	Formato dos dentes
2.13.	Formato do queixo
2.14.	Presença de sinal
2.15.	Cor da pele
2.16.	Característica marcante de alguma parte do corpo que não a cabeça
3. Aspecto Comportamental (AC)	
3.1.	Humor
3.2.	Hábito
3.2.1.	Vestuário
3.2.2.	Acessório
3.2.3.	Penteado ou barba/bigode
3.2.4.	Tiques
3.3.	Atitude
3.4.	Habilidades cognitivas
4. Aspecto Social (AS)	
4.1.	Profissão
4.2.	Evento
4.3.	Procedência

1. Empréstimo de Língua Oral: essa taxe abrange os sinais-nomes criados com motivação na língua oral, ou seja, sinais-nomes que representam total, ou parcialmente o nome da pessoa em língua oral. Essa taxe se expressa por meio dos Formatos de Mão e é composta por cinco subtaxes:



1.1. *Inicialização*: uso de configuração de mão que representa a letra inicial do nome da pessoa em língua oral, seja apenas do primeiro nome, ou de nome e sobrenome. Exemplos: configuração de mão em “M” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “Maria”; combinação das configurações de mão em “J” e “S” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “José Silva”,

1.2. *Uma letra*: uso de configuração de mão que representa alguma letra, que não a primeira, do nome da pessoa em língua oral. Essa subtaxe normalmente é usada quando letras do nome em língua oral chamam a atenção por serem pouco usadas, como é o caso, em língua portuguesa, de H, K, W, X, Y e Z, ou letras duplas, como FF, LL, NN, ou outras. Exemplo: configuração de mão em “Y” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “Dayane”.

1.3. *Mais de uma letra*: uso de mais de uma letra do nome da pessoa, sendo que uma delas pode ser a letra inicial do nome em língua oral. Exemplo: combinação das configurações de mão “W” e “L” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “William”.

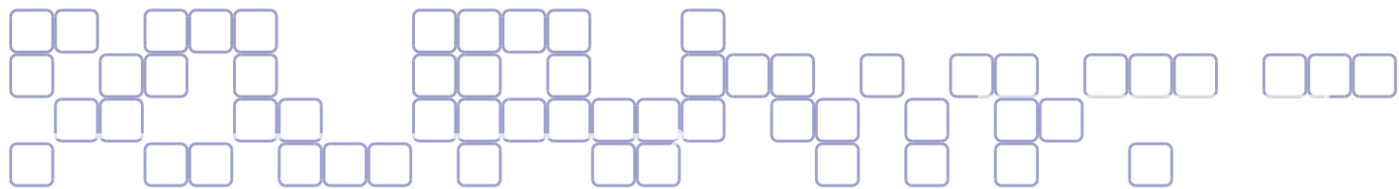
1.4. *Soletração*: uso de soletração total do nome da pessoa. Exemplo: combinação das configurações de mão “A”, “N” e “A” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “Ana”. Importante observar que esse recurso apenas é utilizado para nomes pequenos.

1.5. *Tradução*: uso de tradução para a língua de sinais do nome em língua oral, quando este tem significado independente na língua. Exemplo: sinal correspondente ao conceito de “leão” em Libras usado como sinal-nome para se referir à pessoa cujo sobrenome é “Leão”⁷.

2. Aspecto físico: essa taxe destaca aspectos físicos da pessoa. O aspecto físico pode ser evidenciado servindo como ponto de articulação para o sinal-nome, e/ou motivando um movimento para este. Está subdividida em 16 subtaxes:

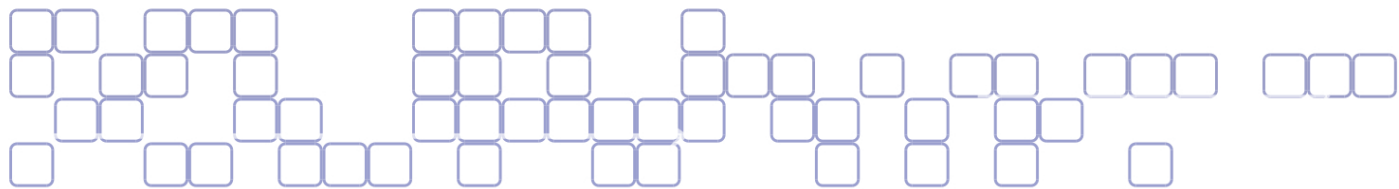
⁷ Supalla (1992) afirma ser impossível um sinal-nome em ASL que seja a tradução de um nome da língua inglesa, como é o caso do sinal-nome do francês De l'Épée por ele citado, que significa “espada” em francês, e o sinal de “espada” era uma das partes de seu sinal-nome. Em Libras, o mesmo uso da Língua de Sinais Francesa, ou seja, a tradução de nomes da língua oral, é possível para a formação de sinais-nomes.





- 2.1. *Formato do cabelo*: liso, encaracolado, com topete e outros. Exemplo: sinal-nome que apresenta movimentos circulares e para baixo ao lado da cabeça, para uma pessoa que tem cabelo encaracolado.
- 2.2. *Comprimento do cabelo*: curto, longo e outros. Exemplo: sinal-nome que apresenta movimento à altura do pescoço, para uma pessoa que tem cabelo curto.
- 2.3. *Cor do cabelo*: loiro, escuro, ruivo, e outros. Exemplo: sinal-nome que mantém o ponto de articulação e o movimento do sinal correspondente a “loiro” em Libras e usa a configuração de mão em “R”, para uma pessoa que se chama “Renata” e é loira.
- 2.4. *Formato da testa*: alta, pequena, curva e outros. Exemplo: sinal-nome passando a mão na testa para cima, para uma pessoa com a testa alta.
- 2.5. *Formato da sobrancelha*: grossa, longa e outros. Exemplo: sinal-nome cuja configuração de mão é em “F”, passando sobre a sobrancelha, para uma pessoa cujo nome é “Flávio” e tem sobrancelhas grossas.
- 2.6. *Formato dos cílios*: grades, curvos e outros. Exemplo: sinal-nome cujo movimento em frente aos olhos representa o formato alongado e curvo dos cílios, para uma pessoa que os tenha nesse formato.
- 2.7. *Formato dos olhos*: grande, “puxado” e outros. Exemplo: sinal-nome com movimento puxando o canto de um olho, para uma pessoa que é oriental. Observação: essa característica física apenas será destaque onde ela não é maioria, ou nem mesmo é abundante.
- 2.8. *Cor dos olhos*: azul, verde, preto e outros. Exemplo: sinal-nome que desloca o ponto de articulação do sinal de “azul” para o olho, para uma pessoa que tenha olhos azuis. Observação: olhos azuis e verdes são características físicas que se destacam na maior parte do Brasil, por serem menos comuns do que os olhos escuros.
- 2.9. *Formato do nariz*: grande, pequeno, fino, grosso e outros. Exemplo: sinal-nome cuja configuração de mão está “em pinça”, passando sobre o nariz, para uma pessoa que tem nariz muito fino.
- 2.10. *Formato das bochechas*: grande, murcha e outros. Exemplo: sinal-nome com mão “em concha” sobre uma bochecha, para uma pessoa que tenha bochechas grandes.





- 2.11. *Formato da boca:* lábios grossos, finos, grandes, pequenos e outros. Exemplo: sinal-nome cuja configuração de mão é em “C”, indicando a extensão da boca, para uma pessoa com a boca muito pequena.
- 2.12. *Formato dos dentes:* grandes, tortos, curtos, “para fora” e outros. Exemplo: sinal-nome com ponto de articulação próximo aos dentes e configuração de mão em “N”, para uma pessoa cujo nome é “Natália” e possui dentes “para fora”.
- 2.13. *Formato do queixo:* grande, pequeno, quadrado, pontudo e outros. Exemplo: sinal-nome passando a mão abaixo do queixo, para uma pessoa com o queixo muito quadrado.
- 2.14. *Presença de sinal:* pinta, cicatriz, mancha, sarda, verruga, ruga e outros. Exemplo: sinal-nome que é a apontação de uma pinta na bochecha, para uma pessoa que possui essa pinta.
- 2.15. *Cor da pele:* branco, negro, moreno e outros. Exemplo: sinal-nome com a configuração de mão em “G” e o ponto de articulação e o movimento do sinal para “moreno”, para uma pessoa morena chamada “Gustavo”.
- 2.16. *Característica marcante de alguma parte do corpo que não a cabeça:* braço forte, pessoa gorda/magra, falta de um membro e outros. Exemplo: sinal-nome cuja configuração de mão indica a falta de um dedo, para uma pessoa a quem lhe falta esse dedo.

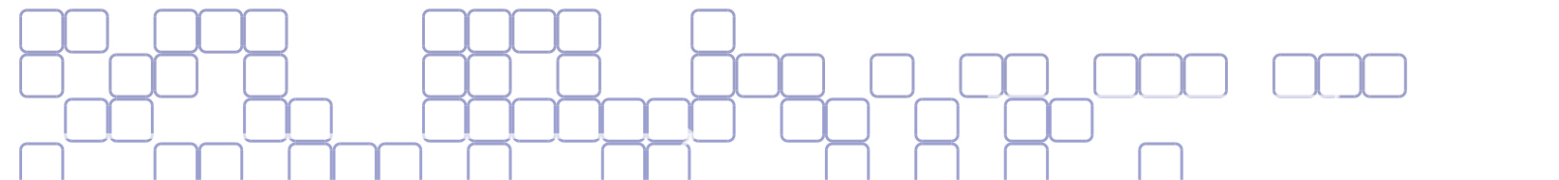
3. Aspecto comportamental: essa taxé apresenta sinais-nomes idênticos ou semelhantes a termos da língua de sinais que expressam estado de humor, habilidade cognitiva ou característica comportamental. Ela apresenta quatro subtaxes, sendo que uma delas, *Hábito*, está subdividida em quatro infrataxes.

3.1. *Humor:* sorriso, choro, sono, alegria, nervosismo, agitação. Exemplo: sinal-nome idêntico ao sinal “sorriso”, para uma pessoa que sorri muito.

3.2. *Hábito:* descreve costumes de uma pessoa.

3.2.1. *Tipo de vestuário:* costume de usar gravata, vestido ou blusa tomara-que-caia, roupa com gola alta, padrão xadrez de camisa e outros. Exemplo: sinal-nome idêntico ao sinal “gravata”, para uma pessoa que normalmente usa gravata.





3.2.2. *Acessórios*: óculos, brinco grande/pequeno, piercing, colar e outros.

Exemplo: sinal-nome idêntico ao de óculos, para uma pessoa que usa óculos.

3.2.3. *Penteado ou barba/bigode*: trança, rabo de galo, barba cheia, cavanhaque, bigode pequeno e outros. Exemplo: sinal nome com configuração de mão em “C” passando sobre a barba, para uma pessoa que tem barba e cujo nome é “Carlos”.

3.2.4. *Tiques*: enrolar o bigode/cabelo, passar a mão no cabelo, piscar rápida e repetidamente e outros. Exemplo: sinal-nome cujo movimento representa iconicamente o gesto de enrolar o bigode, para uma pessoa que tem esse costume.

3.3. *Atitude*: educado, grosseiro, ágil, lento, solícito, egoísta, distraído e outros. Exemplo: sinal-nome com a configuração de mão em “L” e o ponto de articulação e o movimento do sinal correspondente a “devagar” em Libras, para uma pessoa chamada “Luís”, que é lenta em seus movimentos.

3.4. *Habilidades cognitivas*: inteligente, ingênuo, perspicaz e outros. Exemplo: sinal-nome com a configuração de mão em “A” e o ponto de articulação e o movimento do sinal correspondente a “inteligente” em Libras, para uma pessoa chamada “Andréa”, que é reconhecida por sua inteligência.

4. Aspecto social: essa taxa comporta sinais-nomes motivados por acontecimentos ou práticas sociais. Está subdividida em três subtaxes:

4.1. *Profissão*: pedagogo, fonoaudiólogo, digitador, desenhista e outros. Exemplo: sinal-nome que representa o movimento de “digitar” para uma pessoa que trabalha com informática.

4.2. *Evento*: acidente e outras situações marcantes. Exemplo: sinal-nome mostrando os braços para uma pessoa que os tenha quebrado quando era criança.

4.3. *Procedência*: qualquer país ou cidade diferente da de onde a pessoa mora. Exemplo: sinal-nome idêntico ao de Alemanha, para uma pessoa de origem alemã e que mora no Brasil.

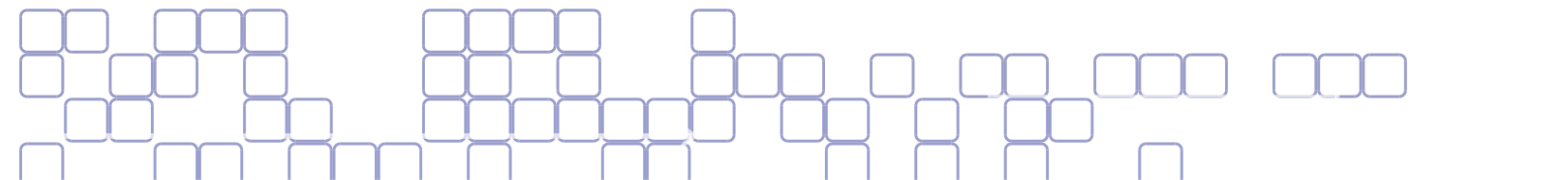
Discussão

Após a coleta e tratamento dos dados, os 113 sinais-nomes coletados foram distribuídos nas taxes e subtaxes conforme sua estrutura e foi feita uma análise quantitativa dessa distribuição. A imagem a seguir é ilustrativa da estrutura da tabela utilizada para essa análise, sendo que o campo “Nº” se refere ao número da ficha catalográfica (e esse à ordem em que os participantes foram entrevistados), o campo “Sinal” comporta os sinais-nomes dos participantes escritos em Libras/ELiS, e os demais campos se referem às taxes dos sinais-nomes, sendo elas respectivamente: *ELO-Empréstimo de Língua Oral*, *AF-Aspecto Físico*, *AC-Aspecto Comportamental*, *AS-Aspecto Social*.

Análise dos Sinais-nomes					
Nº	Sinal	ELO	AF	AC	AS
1	'/\.W=‘L ¹	1.1	2.1	—	—
2	_.\..H	1.3	—	3.2.3	—
3	_.\..→	1.3	—	—	4.1
4	’/\.W-H	1.1	—	—	—
5	_.\..H ¹	1.1	2.1	—	—
6	_.\..H ¹	1.1	2.15	—	—
7	_.\..H ¹	1.3	2.12	—	—
8	_.\..H ¹	—	2.1	—	—

Figura 2: Estrutura da tabela que mostra a distribuição dos dados nas taxes e subtaxes.

A análise dos dados mostrou que apenas 8 dos 113 sinais-nomes pertencem exclusivamente à taxa *Empréstimo de Língua Oral* (ELO), dados que se opõem à tendência nos Estados Unidos, relatada por Supalla (1992), de a taxa ELO ser amplamente usada sem estar em combinação com as demais taxes. Sinais-nomes que combinam a taxa ELO e alguma outra taxa são 88 do total de 113. Assim, todos



os sinais-nomes que utilizam a taxe ELO, sozinha ou em combinação com as demais, representam uma maioria de 96 dos 113 sinais-nomes analisados.

Dos sinais-nomes que utilizam a taxe ELO combinada (total de 88), 66 estão combinados à taxe *Aspecto Físico* (AF), 16 à taxe *Aspecto Comportamental* (AC), 4 à taxe *Aspecto Social* (AS) e 2 às taxes AC e AF ao mesmo tempo, mostrando uma preferência significativa pela combinação entre as taxes ELO e AF.

Dos sinais-nomes que combinam as taxes ELO e AF (total de 66), 26 se combinam com a subtaxe 2.14, *presença de sinal*, e 13 com a subtaxe 2.1, *formato do cabelo*, mostrando-se essas duas serem as mais recorrentes.

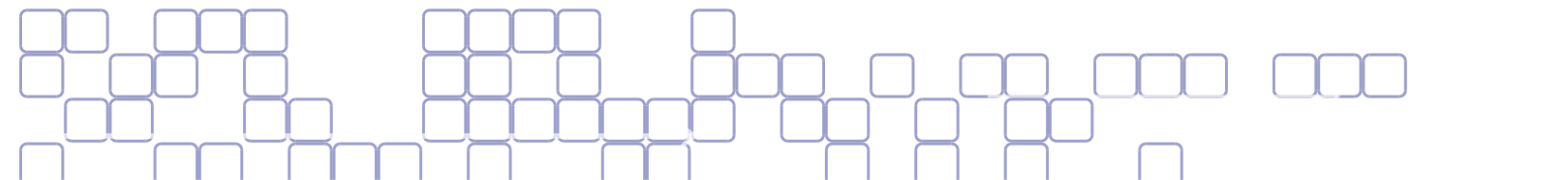
Nos dados coletados para essa pesquisa, apenas duas subtaxes da taxe ELO foram encontradas, a 1.1, *inicialização*, e a 1.3, *mais de uma letra*, sendo que a preferência foi pela subtaxe de *inicialização*, com 79 sinais-nomes (de um total de 96), contra 17 na subtaxe *mais de uma letra*.

Nas entrevistas, foi interessante observar que, dos 96 participantes cujos sinais-nomes utilizam a taxe ELO, apenas 31 mencionaram essa taxe como motivadora do seu sinal-nome, talvez por lhes parecer óbvio demais, uma vez que haviam dito seu nome em português logo antes de dizerem seu sinal-nome, ou talvez por considerarem essa taxe menos marcante do que as demais. Inclusive, 5 participantes cujos sinais-nomes são formados exclusivamente pela taxe ELO afirmaram não saber por que seu sinal é como é.

A taxe AF utilizada isoladamente teve um total de 11 sinais-nomes, a AC isoladamente, 5 sinais-nomes e a AS isoladamente, apenas 1 sinal-nome, lembrando que a ELO isoladamente teve 8 sinais-nomes, como já foi mencionado. Então, no total dos dados coletados, houve 25 sinais-nomes que utilizaram uma taxe apenas e 86 sinais-nomes que combinaram a taxe ELO com mais uma outra taxe. Houve também 2 sinais-nomes que combinaram a taxe ELO com mais duas outras taxes ao mesmo tempo, o que demonstra que a utilização de mais de duas taxes é uma estrutura ainda menos usada do que a de uma taxe apenas.

Os dados que acabamos de comentar foram colocados na tabela a seguir para melhor visualização:

Tabela 2: Quantidade de sinais-nomes por taxe

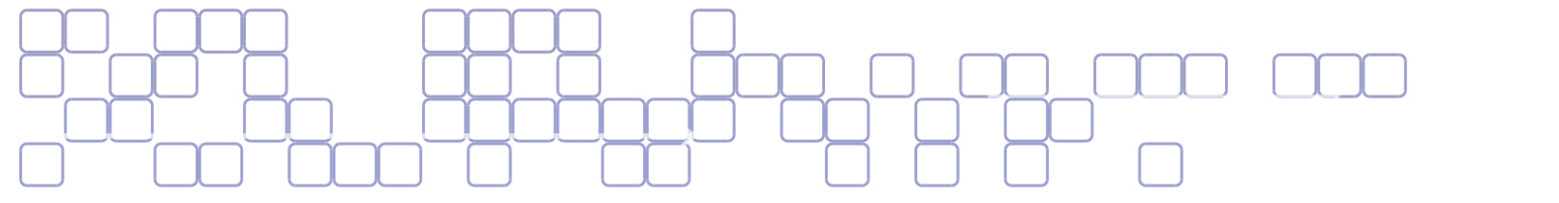


Taxe	Quantidade de sinais-nomes
ELO	8
AF	11
AC	5
AS	1
ELO + AF	66
ELO + AC	16
ELO + AS	4
ELO + AC + AS	2
TOTAL	113

A interação com a comunidade surda nos permite conhecer uma diversidade de sinais-nomes suficientes para preencher todas as subtaxes propostas, apesar de nem todas elas terem sido encontradas nos dados coletados para essa pesquisa. Os dados encontrados, porém, apontam para uma tendência de estruturação de sinais-nomes em: ELO+AF, entre os participantes entrevistados.

Nas entrevistas, seis participantes, surdos e ouvintes, relataram que seus sinais-nomes lhes foram dados por seus professores durante curso de Libras, o que nos fez pensar que, por serem todos os participantes da pesquisa pertencentes a ambiente escolar, pode ser que mais sinais-nomes tenham sido dados na mesma situação e que vários sinais-nomes tenham sido dados por um único professor. Essa talvez seja a explicação para o grande número de sinais-nomes que combinam as subtaxes inicialização e presença de sinal, pois sem a convivência com a pessoa para observar seus comportamentos e hábitos, sua vida social, o que resta ao professor para se referenciar ao seu aluno são seus nomes e os aspectos físicos que lhe chamam a atenção.

Para uma postura mais conclusiva em relação à tendência de estruturação de sinais-nomes na Libras em geral e não apenas com uma população tão específica, como foi a dessa pesquisa, ressaltamos a importância de maior diversificação dos dados em relação à localização geográfica, ano em que a pessoa recebeu seu sinal-nome e contextos em que isso se deu. Algumas outras variáveis, quando observadas, poderão ser reveladoras também do aspecto cultural do ato de nomear



pessoas em Libras, como, por exemplo, a influência (ou não) de ascendência surda na família na preferência da estrutura do sinal-nome.

Os aspectos culturais, apesar de essenciais para um estudo abrangente sobre o processo de nomeação em línguas de sinais, ficaram fora do escopo dessa pesquisa, o qual foi propor uma taxonomia antroponímica nas línguas de sinais, estabelecendo suas taxes e subtaxes, a partir de uma análise morfossemântica de sinais-nomes. Futuras pesquisas poderão ser desenvolvidas usando-se essa taxonomia proposta, para a análise da influência de aspectos culturais, sociais, linguísticos e outros sobre a preferência por uma estrutura ou outra de sinais-nomes.

A criação de sinais-nomes em Libras

A taxonomia antroponímica nas línguas de sinais apresentada mostra o que pode compor a estrutura de sinais-nomes em Libras. O uso das taxes isoladamente ou a combinação de duas (ou mais) delas originaram os sinais-nomes encontrados em nossa pesquisa. O que observamos em nosso contexto de pesquisa é que a combinação de qualquer taxe com a taxe Empréstimo de Língua Oral (ELO) mostrou-se bastante produtiva e seus resultados bem aceitos.

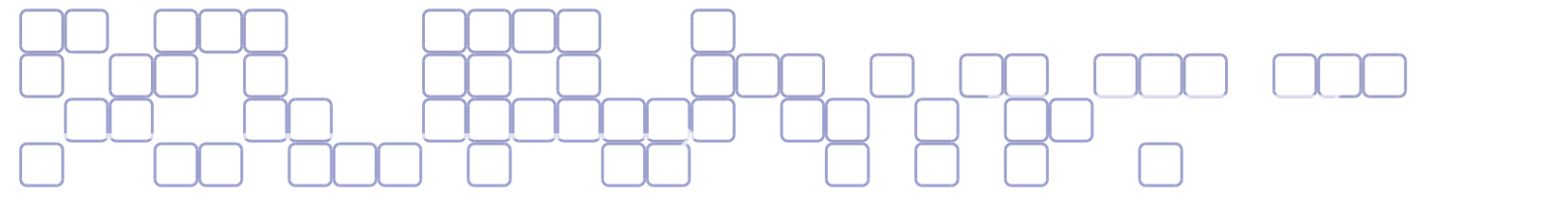
Demonstraremos, então, como algumas das subtaxes por nós propostas podem ser utilizadas na criação de sinais-nomes, de acordo com as possibilidades que encontramos nessa pesquisa:

- letra inicial do nome da pessoa (ELO_{1.1}) usada como configuração de mão e acrescida de um movimento “neutro”, sem significado, como mover a mão de um lado para o outro em movimentos curtos, no espaço neutro.

- se o nome da pessoa possuir uma letra que chama a atenção (em português pode ser W, ou K, por exemplo), uso dessa letra como configuração de mão, associada a um movimento neutro, ou a um ponto de articulação significativo, que mostre algum aspecto físico da pessoa, como uma pinta no rosto (ELO_{1.1}+AF_{2.14}).

- se o nome da pessoa for pequeno, usar a soletração integral do mesmo (ELO_{1.4}).

- se o nome da pessoa tiver significado na língua, como em português os sobrenomes “Costa”, “Coelho”, “Leão” e outros, tradução destes nomes para a língua de sinais (ELO_{1.5}).



- inicialização combinada a algum aspecto físico, como: o ponto de articulação perto dos olhos, para pessoas com olhos claros ($ELO_{1.1}+AF_{2.8}$); movimentos ao lado da cabeça que representam o formato do cabelo ($ELO_{1.1}+AF_{2.1}$).

- uso de sinal da Libras que expresse comportamento observado na pessoa, como “sorrir”, “chorar”, “sono”, “falar muito/pouco”, “ser alegre” e outros ($AC_{3.1}$). Tais sinais-nomes também existem combinados à categoria ELO e têm sua configuração de mão alterada para a letra inicial do nome da pessoa ($ELO_{1.1}+AC_{3.1}$).

- se a pessoa usa sistematicamente um determinado tipo de vestuário, ou acessório, seu sinal-nome pode remeter a ele ($AC_{3.2.1}$), podendo também, ser combinado a alguma letra do seu nome que chame a atenção ($ELO_{1.2}+AC_{3.2.1}$).

- uso do sinal da profissão da pessoa, ou de algum “hobby” seu, “estilizando-o” com uma configuração de mão que represente a letra inicial do seu nome ($ELO_{1.1}+AS_{4.1}$).

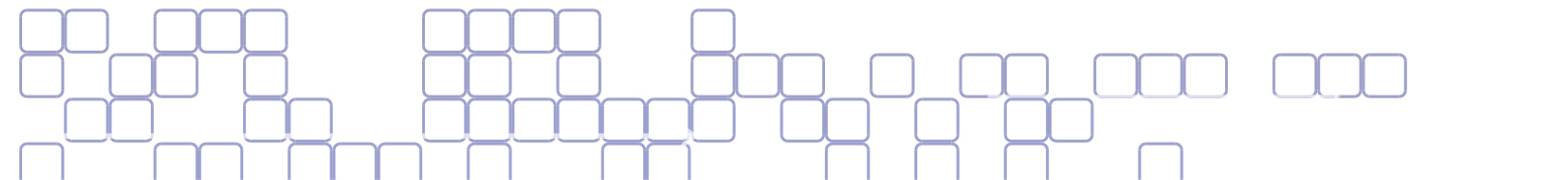
- uso de um sinal da Libras com ponto de articulação deslocado para um local que mostre alguma característica física da pessoa, como a cor de seus olhos ($AF_{2.8}$).

- referência a algum evento marcante envolvendo a pessoa, como um acidente, uma atitude “heroica” e outros ($AS_{4.2}$).

- uso de um sinal que indique alguma ação, ou um “tique”, que a pessoa sempre repete, como: piscar muito os olhos, enrolar o cabelo/bigode, passar a mão no cabelo com frequência, dentre outros ($AC_{3.2.4}$).

É importante lembrar que esses usos são compatíveis com a cultura da comunidade surda brasileira e que podem variar de acordo com a cultura de cada comunidade. Por exemplo, o uso da taxa Aspecto Físico no Brasil é bem aceito, e até desejado, portanto é comum que ela seja incluída no sinal-nome de uma pessoa. Em outras culturas, pode ser que essa taxa seja evitada.

Também, as taxas de Aspecto Social e Aspecto Comportamental normalmente são empregadas quando a pessoa já tem alguma convivência com a comunidade surda e as pessoas já tiveram tempo de observá-la ou de conhecer aspectos da sua vida pessoal. Isso, por demonstrar pertença a uma comunidade surda, pode ser altamente desejável, se a pessoa realmente gosta e tem a intenção de interagir com essa comunidade. Nesse contexto, o uso dessas taxas para a criação de sinais-nomes pode resultar em grande satisfação das pessoas que os receberem.



Os sinais-nomes, além de referenciar uma pessoa, denotam pertença a uma comunidade surda (SUPALLA, 1992), por isso é importante observar as regras sociais de atribuição de um sinal-nome, além das regras linguísticas. Sabemos que a preferência por uma taxe/subtaxe ou outra depende da cultura da comunidade e que este é o principal fator a ser observado no momento de criação de um sinal-nome, pois mesmo que haja a possibilidade taxonômica de criação, se o resultado não for bem aceito socialmente, esta deverá ser normalmente evitada.

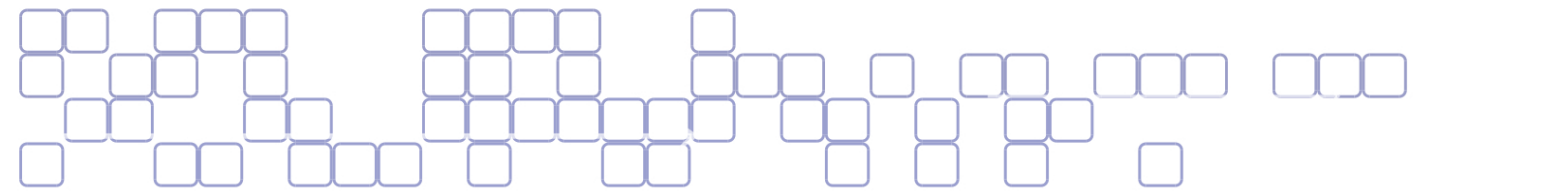
Considerações Finais

O presente trabalho, que é uma proposta de taxonomia antroponímica nas línguas de sinais, identificou, descreveu e nomeou quatro taxes de sinais-nomes, 28 subtaxes e quatro infrataxes. A maioria dos sinais-nomes analisados em nossa pesquisa apresentou uma combinação das taxes, Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico (AF). No entanto, a taxe ELO foi encontrada também combinada às demais taxes, Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS). Todas as quatro taxes foram encontradas isoladamente no sinais, porém, em menor número do que combinadas.

Esse fato demonstra uma preferência, na comunidade surda analisada, pela nomeação de pessoas usando alguma referência do seu nome em português combinada a algum aspecto físico notável, totalizando 66 dos 113 sinais-nomes analisados. No entanto, a pesquisa mostra também que outras possibilidades também são bem aceitas, como a utilização das taxes isoladamente, totalizando 25 dos 113 sinais-nomes.

A proposta de “Taxonomia antroponímica nas línguas de sinais”, criada nesse trabalho, foi experimentada com a Libras e mostrou-se completa e eficiente para os sinais-nomes da população participante dessa pesquisa inicial.

É imprescindível, no entanto, o aumento da diversificação dos dados para outros ambientes de uso da Libras e para outras línguas de sinais, para uma taxonomia realmente completa e conclusiva dos sinais-nomes. Podemos esperar que, em futuras pesquisas, as taxes se mantenham e novas subtaxes sejam acrescentadas.



REFERÊNCIAS

- AGANETTE, E.; ALVARENGA, L.; SOUZA, R. R. Elementos constitutivos do conceito de taxonomia. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.20, n.3, p. 77-93, set./dez., 2010. Disponível em: <file:///D:/Downloads/3994-11215-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 set 2018.
- BARROS, M. E. *ELiS – sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Penso: Porto Alegre, 2015.
- _____. Princípios básicos da ELiS. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v.1, n.2, p. 204-210, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal>. Acesso em: 01 set 2018.
- BRITO, A. N. de. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Universidade de Brasília: Brasília, 2003.
- BUGUEÑO, M. F. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. *Alfa*, São Paulo, v.58, n.1, p.215-231, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n1/09.pdf>. Acesso em: 02 set 2018.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1980.
- _____. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. *Revista Trama*, Cascavel, v.3, n.5, p. 141-155, jan./jun., 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965>. Acesso em: 03 set 2018.
- DUBOIS, J. (et ali). *Dicionário de lingüística*. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SOUZA JÚNIOR, J. E. G. de. *Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais*. Dissertação. UnB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11923>. Acesso em: 03 set 2018.
- STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Washington, Gallaudet, 1965.
- SUPALLA, S. J. *The book of name signs: naming in American Sign Language*. San Diego: DawnSignPress, 1992.
- WILD, M. R. *Name signs in American Sign Language*. 29f. Monografia, Swarthmore College, Swarthmore, 2017. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/handle/10066/19113>. Acesso em: 02 set 2018.